



LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO II

Nº 8

MARÇO/ABRIL 1993

EDITORIAL

Finda o primeiro ano de compromisso que assumimos, em renascer as "Letras Acadêmicas", que agora alcança seu oitavo número e em plena florescência a atingir seu objetivo. Realmente, o que se almeja é criar um entrelaçamento entre o passado e o presente, em um processo liamizador que permita ver o progresso cultural da instituição nas várias etapas de sua existência. Porque ela, a vida, nada mais é que uma seqüência lógica dos fatos ocorridos e ocorrentes, permitindo a visão do que fomos, do que somos e o que esperamos ser.

Não basta viver. É preciso, é urgente saber viver e buscar nos meandros do tempo o oxigênio que propicie encarar com destemor e bravura as incoerências e incongruências que conformam o cotidiano. Sejam fortes, resolutos ante as vicissitudes que compõem permanentemente o quadro vital. Quem vive sofre e se não sofrer perde o sabor estranho do sal que é a própria essência da vida.

Homens e instituições encontram em si mesmas uma correspondência estreita, padecendo, como padecem, dos mesmos males. Ninguém foge às ciladas que a própria existência trama, tece e traça. Mas não há que esmorecer e devemos prosseguir sempre na caminhada incossante para a consecução do ideal. Fitemos o sol de nossas esperanças, de cabeça erguida, sem receio e avancemos.

Estamos em novo ano acadêmico e conservamos conosco o ânimo necessário para culminarmos a reta final. Vamos em frente e que Deus nos ilumine.

Oyama Ituassú

DEUS

Mithridates Corrêa

No começo, era o Nada!
O Nada era o Silêncio
e, o Silêncio, era Deus!
Deus, na sua suprema Onipotência!
Deus, na sua infinita Misericórdia!
Deus bom, Deus sábio, Deus generoso!

E, êsse Nada
que era Silêncio e era Deus Onisciente,
que era Deus, em tudo, Onipresente,
é a força geradora do Universo.

Do Nada, o Céu e a Terra!
Do nada, as cordilheiras e planícies
em Continentes de fartura.
Do nada, o sol, a lua e as estrêlas,
a Luz de outros mundos constelares,
porque êsse Nada,
que era Silêncio
e era Deus,
é a Vida!

Do Nada, a Vida que, em Silêncio,
Faz-se e se refaz em tôda a Natureza,
num constante e perpétuo movimento,
num eterno sentido de beleza.
Silêncio que é a matriz do Pensamento,
Silêncio alma das coisas,
de tudo quanto existe e que se cria.

Deus bom, Deus sábio e generoso,
que fêz o Homem e deu-lhe consciência
para que sentisse, em tôda plenitude,
com o poder da sua inteligência,
de Deus a excelsitude.

Deus bom, Deus sábio e generoso,
que a Terra, ao Homem dando, deu-lhe tudo
que, à sua face, foi criado,
para que o Homem,
de Sua Imagem a semelhança,
vivesse sempre na bemaventurança
da Terra, sua origem, que é também seu fim.
Da Terra que se abre dadivosa,
de cujas entranhas surgem
flôres e frutos,
em maravilhosa paisagem,
para o deslumbramento perene de seus olhos!
Da Terra que é seu berço e sepultura,
Alfa e Omega do seu destino
de humana criatura!

Bendito seja o Nada em Tudo transformado!
Bendito seja o Nada que de Deus promana,
realizando o milagre do Universo
para o grande esplendor dessa fraqueza humana
que se prosterna, humilde, ante os altares,
no reconhecimento de graças infinitas.

Bendito êsse Silêncio!
a que o espírito do Homem se recolhe
para pensar!
E, pensando,
silenciosamente,
a beleza da Vida descortina,
da Natureza, tirada em seus arcanos.
Porque, nesse Silêncio, é que se faz senhor
dos bens que lhe deu o Criador
no começo da Vida.

Bendito êsse Silêncio em que tudo se realiza
desde o primeiro dia dêsse Nada profundo,
dêsse Deus generoso,
do começo do Mundo.



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918
**ACADEMIA AMAZONENSE DE
LETRAS**

DIRETORIA

Presidente

Oyama César Ituassú da Silva

1º Vice-Presidente

João Chrysóstomo de Oliveira

2º Vice-Presidente

Robério dos Santos Pereira Braga

Secretário Geral:

Octávio Hamilton Botelho Mourão

Secretário Adjunto:

Manoel Bastos Lira

Tesoureiro:

Ruy Alberto Costa Lins

Bibliotecário

Max Carpentier

EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

Diretor: Oyama César Ituassú da Silva

Secretária Executiva:

Rosângela Oliveira

Revisor: José Ribamar do Nascimento Araújo

Impressão: Gráfica da Imprensa Oficial do Estado do Amazonas.

Endereço: Academia Amazonense de Letras
Rua Ramos Ferreira, 1009
Telefone: (092P) 234-0584
CEP: 69.025-010
Manaus - Amazonas - Brasil

FACULDADE DE DIREITO DO AMAZONAS

- Um Patrimônio Cultural -

Oyama Ituassú

No cenário amazônico ergue-se sobranceira na sua tradição e discreta vivência, uma entidade de saber e cultura, que é a Faculdade de Direito do Amazonas, cuja vida teve início em 17 de janeiro de 1909 e que em igual data deste ano atingiu sessenta anos de luminosa existência.

Instituição nascida do sonho-realidade que foi a Universidade Livre de Manaus, a primeira que se organizou nos céus brasileiros com esse caráter, tornou-se a imagem viva de exclusiva vocação para o ensino e preparo das novas gerações. Representa ela, em toda a extensão do espaço-tempo comemorativo, um esforço admirável de energia e cristalização do ideal de fazer de si um centro planiciário de inteligência e cultura. Reuniu em seu Corpo Congregado, desde a fase primeira, as mais alevantadas projeções da intelectualidade e se tem mantido, através dos decênios, com a mesma pujança mental que lhe tem grandioso conceito e admiração nos quadrantes nacionais.

Os privilegiados que conceberam a Universidade Livre, uma implantação da Paidéia grêga no cerne da muralha vegetal que circunda a Amazônia e isola o Amazonas, ainda hoje, do resto dos Brasis, almejaram criar um exemplo institucional a frutificar e espalhar suas sementes no solo brasileiro. Esse escôpo se traduziu naquela data com a instalação dos vários estabelecimentos de ensino integrantes do quadro universitário e que, com as dificuldades posteriores advindas de circunstâncias especialíssimas, pereceram deles ficando a Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, a Faculdade de Direito de hoje, cujos sessenta anos atestatórios de uma permanente utilidade sócio-jurídico-político, estão demonstrados na exuberância dos serviços prestados.

Falar sobre a Faculdade de Direito é falar da vida do Amazonas tal

fecunda atividade intelectual e os eventos que têm marcado os períodos etários de nossa terra. Seus 861 bacharéis, contados desde a primeira turma formada em 1914 - e cujo único remanescente em Manaus é o desembargador e professor SADO PEREIRA ainda hoje lecionando no estabelecimento onde se diplomou, exemplo vivo de uma vitalidade mental invejável, a par de uma dignidade magisterial que recomenda a Casa -, integram todas as fases do quadro público do Estado, sempre presentes na contribuição ao alevantamento permanente da terra glebária, com as suas cruezas e amarguras, mas "onde a própria dor dói menos". Política, Direito, Magistratura, Magistério, Administração, representação cultural, exprimem o campo amplo da penetração da Faculdade, penetração preponderante e que a veneranda unidade de ensino tem propiciado com largueza. Catedral do saber, alicerça-se na sua preparação interior sempre constante e seus componentes se desdobram dia-a-dia no processo de aculturação a prol da comunidade.

Os construtores magníficos de sua estrutura sexagenária - SIMPLÍCIO COELHO DE REZENDE, seu primeiro Diretor e que deu início a mais três gerações de professores, GASPAR ANTONIO VIEIRA GUIMARÃES, que o sucedeu e que exerceu a Diretoria durante dezesseis anos, de 1915 a 1931, ANTONIO GONÇALVES PEREIRA DE SÁ PEIXOTO, WALDEMAR PEDROSA, o admirável homem de espírito sempre aberto às coisas do tempo, ARISTIDES ROCHA, o batalhador pela federalização, ANÁLIO DE MELO REZENDE, o solidificador da Faculdade pela realização dos concursos para provimento das cátedras -, todos eles sintetizando uma vintena de dirigentes, fizeram uma obra imperecível e um exemplo de entusiasmo e carinho, a cujo seguimento se têm proposto os continuadores, dentre

os quais se ressaltam ADERSON DE MENEZES e ABDUL SAYOL DE SÁ PEIXOTO.

Única remanescente da antiga Universidade Livre de Manaus, a Faculdade de Direito é o elo liamizador de duas épocas, a ponte entre o passado e o presente, fundindo no mesmo espírito pioneiro de cultura aquela que foi a primeira Universidade brasileira e a atual Universidade do Amazonas, ambas com o escôpo de servir sempre e melhor à Terra-Mãe e encontrando no tradicional e vetusto estabelecimento o esteio seguro em tôdas as crises e em todos os instantes em que se fez mistér a presença atuante do pensamento jurídico.

Símbolo do período áureo do surgimento da intelectualidade amazonense, a Faculdade de Direito permanece de pé, enfrentando com galhardia e firmeza as intempéries que têm assolado o seu espaço particular, incólume ao passar da poeira eterna dos tempos, que para ela não contam e nem lhe arrefecem o ânimo, resistindo aos vendavais que em marcas lhe deixam, golpeada com a fatalidade da perda de membros ilustres que a elevaram e dignificaram, vivendo hoje, nos seus gloriosos sessenta anos, as manifestações modernas das concepções jurídicas, que não n'a assaltam desatenta.

Vive a tarefa a que se impôs com exclusividade: ensinar Direito, fazer do Direito algo de vivo e palpante, incrustado no cerne da comunidade e construindo o Direito para cumprir, com elevação e equilíbrio, a finalidade social da conscientização jurídica de seu povo.

Esse o patrimônio cultural que honra o Amazonas, sede instante de suas preocupações e celeiro de uma tradição que merece cultivada, pelo muito que exprime em saber, consciência e sentido do justo, aquilando a regra jurídica a ensinar pelo que pode exprimir de utilidade social.

LEGENDA

Araújo Neto

Há no meu verso a voz dos infelizes, dos humildes, dos tristes, dos ascetas, dos que têm por lauréis as cicatrizes, dos que sendo homens também são poetas...

Os clamores das almas inquietas, que vêm de profundíssimas raízes, de angústias ignoradas e secretas, de rebeldias íntimas e ultrizes...

Dos que nasceram para o sofrimento as nobres atitudes transcendentes infloresceram no meu pensamento

Os mais humanos símbolos diversos que eu transverbero, em flâmulas candentes, à contextura anímica dos versos!

(do livro de poemas "Ânsia de Perfeição)

NOTAS ACADÊMICAS

O ano de 93 é, para a Academia, fértil em festividades. A instituição atingiu 75 anos de fundação no dia 1º de janeiro e em fevereiro o centenário de nascimento do imenso Álvaro Maia, o maior dos amazônidas e cuja "Canção de Pé e Esperança" é o símbolo vivo de nossa terra. Seus amigos inauguraram seu busto na avenida que lhe tem o nome, com a presença de inúmeros acadêmicos.

Também Nunes Pereira e Cosme Ferreira Filho atingiram o centenário de nascimento e serão feitas as comemorações que ambos merecem,

...

O número 22 da "Revista" já está em circulação, contendo muita matéria de muito interesse, dadas as magníficas contribuições literárias.

O número 23 já está em elaboração.

Nataliciaram no dia 3, 19 e 27 de março os acadêmicos Ruy Lins, Jefferson Péres e José Barnardo Cabral, que foram cumprimentados pela Presidência.

...

Este início de ano foi terrível em perdas para a Academia, desfalcando seu patrimônio cultural de forma impressionante. Os falecimentos de José Lindoso, Artur Reis, Carlos Alberto de Almeida Barroso e Ulysses Bittencourt, criaram um vácuo difícil de preencher, dadas as excepcionais qualidades intelectuais dos eminentes desaparecidos. Por mais que se diga e se enalteça a personalidade de cada um dos que passaram para o outro lado da vida, ainda assim pouco será para engrandecer-lhes as memórias. Lamentáveis perdas e aqui fica, neste sentido registro, a saudade do sodalício.

Esteve em Manaus, no dia 5 de março, o Ministro da Cultura, Antonio Houaiss, tendo sido recepcionado pelo Governo do Estado com uma sessão solene no Teatro Amazonas.

Na solenidade, foi inaugurado o Forum Internacional dos Povos Indígenas. A Academia se fez presente, sendo o Ministro saudado pelo Presidente Oyama Ituassú.

...

Lado a lado com a vida, a ingrata morte não deixou de comparecer. Pois perdemos em fevereiro os confrades Arthur César Ferreira Reis e José Lindoso e em março Carlos Alberto de Almeida Barroso e Ulysses Bittencourt.

Intelectuais eminentes, emigraram para outros mundos, deixando conosco o brilho de sua cultura, em vacâncias difíceis de preencher. A Academia sentinhou as famílias ~~colitadas~~

REMEMORAÇÃO

Jorge Tufic

A igreja era pequena.
Ela compunha o alto de um presépio
na infância de meu rio.
Este rio onde o sino
- lilaz ou vermelho -
perdia-se nos ermos.
Na mesa tosca o pão,
a prece, o peixe, o vinho
e a bilha de tabatinga,
pareciam crescer no evangelho
de coisas prenadas.

O mundo nascia verde
nos campos distantes.
Pouco se tinha notícia
dos outros Natais onde renas
corriam sobre a neve.
Vitrines bonitas como aquelas de Londres,
Paris, São Paulo e Rio de Janeiro,
eram sonhos impressos nas velhas revistas.
O vinho no verbo
completava o sacrifício.

A missa prolongava-se até o galo
esgotar a madrugada.
Depois disso, penas coloridas
viravam centelhas douradas.
Papai Noel escolhia uma nuvem
e entrava no meu sapato.

Jesus Cristo dormia no feno.
Os Três Magos chegavam trazendo uma estrela
com relâmpagos azulados.
A cruz e a figueira também foram trazidas
por um pássaro chamado Gabriel.
Todos estes preparativos aconteciam,
mas nenhum de nós largava ainda
o brinquedo pelo trabalho.
Meu tio na oficina,
meu pai no comércio,
minha mãe na cozinha.
Sentia-se apenas que o ar
estava cheio de vozes estranhas.
E as vozes gritavam no vento
com um sândalo ferido.

Mavignier de Castro

*Quer no areal deserto, o caule alçando a custó,
ou num parque, soberbo, à margem da alamêda,
o cacto não ostenta a folhagem do arbusto,
mas entre espinhos orna a floração mais lêda.*

*Glabro, espalmando os nós, protubera-se em busto;
volteia-se de anéis quando eriça a vereda,
e, ao roble pertinaz, no Ínvio sertão adusto,
talvez sua existência unicamente exceda.*

*Perpassem levemente as brisas vesperais,
a esparzir o aroma e o pólen de outras flôres,
exuberante, o cacto irrompe dos sarçais,*

*e tímido, fecundo, o filamento hisurto,
repona-lhe do hastil, numa orgia de olôres,
escarlate, sanguínea, a carnação de um fruto!*

A O S G A

Jorge Tufic

Há dias que observo essa osga,
uma única osga, sozinha, rabo cotó,
mas latifundiária de todo um mural
de retratos dispersos,
pára-soes quebrados,
basculantes semi-fechados
poeira e fumaça negra
enrolada numa expressa fuligem
de insetos desmantelados.

Ela cobre esse vasto território
em busca de alimentos vivos.
E a cada pulo que fracassa,
a mesma fome que debilita
enrijece-lhe o dorso.
Seu papo agitado ferve,
mas o sangue é frio.
Nada importa que sísifos, fadas
ou duendes, lhe desçam pela goela.

Às vezes, porém, devastadores inseticidas
eliminam do ar o tormento dos homens.
Suas víceras dançam.
Ela migra então para um sumiço qualquer,
onde passa a devorar-se
do fim para o começo...

Osga, usga, réptil,
madrugadas insones catando
os mínimos excessos da noite.